

Outono.

Peypin d'Aigues, 22/10/79: Este é, esperemo-lo, primeiro de uma série de artigos sôbre a cena europeia, tal como a vivencie. Pretendo pois transmitir nele o clima, no qual os eventos europeus estão se dando. Recentemente viajei de automóvel, partindo desta aldeia provençal, e travessei o Vercors, o Jura, a Floresta Negra e os Vosges. Foi-me dado observar a glória das florestas explodindo em roxo, vermelho e amarelo, e a gloriiosidade dos vinhedos exuberantes de uvas. Por certo: há no ar a suspeita das noites geladas, e, como diz Nietzsche ao falar na morte de Deus: "tôdo dia está ficando mais frio". Mas isto constitui precisamente o encanto do outono: não é tão imperioso quanto o é seu irmão brutal, o verão, é mais contraditório, mais complexo, e portanto menos facilmente aproveitável pelos consumidores de paisagens.

A tradição banha o outono em clima de melancolia. Com efeito: tal clima é o ambiente quotidiano. Os jornais e o noticiário radiofônico da manhã contrastam os dias maravilhosos do verão passado, e dos vários milagres econômicos, com o preço do petróleo, e valor do dólar e do ouro, e o desenvolvimento do desemprego, e evocam o craque de 29, o inverno que se aproxima. Os artigos de fundo contrastam o poder decisório tão recente da Europa ocidental com os foguetes soviéticos postados em Berlim e Praga, com os conselhos que visitantes chineses, árabes e centro-africanos dispensam generosamente aos dirigentes europeus, e com os aparelhos eletrônicos japoneses e coreanos nos supermercados. As discussões dos intelectuais e demais mandarinos giram em torno dos grandes edifícios mentais do passado recente, (sobretudo de marxismo e do freudismo), e da crise na qual se encontram essas construções grandiosas. O próprio fundamento de Europa moderna, a ciência da natureza, graças à qual esta península relativamente pequena governava até recentemente o globo, está dando sinais de ruptura. Não há dúvida: é outono na Europa.

Mas a melancolia não corresponde à vivência imediata, a qual é de celeração explosiva. A melancolia é produto de simplificação de um fenômeno complexo, ou de premonições de um inverno iminente, e não da experiência da situação concreta. O atual outono europeu é melancólico quando visto simplesmente do lado direito, (declínio do Ocidente), ou do lado esquerdo, (crise do capitalismo). É melancólico quando visto pelos que receiam perder o que possuem, pelos rentiers da cultura do passado. Mas quando vivenciado com olho e mente abertos, o outono atual europeu é inebriante tanto quanto o vinho em fermentação que está sendo servido presentemente nas adegas em torno dos vinhedos.

Não pretendo glorificar o fruto maduro. Não me associe a Shakespeare quando diz, no Rei Lear, "ripeness is all", (a maturidade é tudo). Nem a Iugurtha quando diz, em Roma, "oh urbem venalem et mature perituram", (oh cidade venal e madura para o perecimento). Não é a maturidade europeia que



louvo. O que me interessa no fruto outonal é o estágio imediatamente posterior à maturidade, o da putrefação incipiente. O que tenho em mente, (e nas narinas), é aquele perfume refinado da decadência prenhe de vida nova: a da fermentação do fruto. Por certo: tal fermentação pode ser diagnosticada como estágio de decomposição incipiente; mas o que importa é a embriaguez que provoca. Não são as maçãs maduras do outono eu ropeu que louvo, mas a cidra, esse vinho feito de maçã levemente podre e que ferve na língua e fertiliza a mente.

Certos historiadores consideram o Renascimento ~~xxxxxxx~~ outono da Idade média, não primavera da Idade moderna. Com efeito: o sabor da música, da poesia, da filosofia, da teologia, e sobretudo o da moda renascentistas é gótico, e nada tem a ver com o clima de modernidade que emana do barroco. E, no entanto, precisamente por ser a decadência de estar-no-mundo medieval, é o Renascimento a base da qual brota a modernidade. Isto se vê nitidamente quando se considera a ciência renascentista: é disciplina inteiramente diferente da ciência moderna, já que não parte de experiências mentais e não opõe teoria à praxis, mas representa decomposição fermentadora da alquimia e da astrologia. Mas é precisamente por isto que dará origem a Galileu, Descartes e Bacon. Pois é neste sentido do conceito "outono" que a situação atual europeia pode ser considerada decadente: decadência da modernidade e putrefação que está fervilhando com as premonições do futuro.

A fermentação que caracteriza a decadência obriga, no entanto, a distinção difícil. A diferença entre podridão apetitosa e podridão nojenta. Se considerarmos que queijo é leite podre, a tarefa é a de distinguir esteticamente, e sobretudo moralmente, entre Camembert e ovo podre. Hitler julgava que a arte atual é ovo podre, e nós constatamos que o ovo podre é Hitler. A dificuldade de tal distinção, (que é creio um aspecto importante da crise de consciência que nos aflige), não é devida simplesmente ao fato que se trata de questão de gosto: uns gostam de Camembert, outros de ovos podres, uns do dadaísmo, outros de Hitler. Se fosse simplesmente assim, não seria tão difícil julgar a atual situação europeia: bastaria ter um critério de nojo. A verdadeira dificuldade é que o estágio apetitoso da fermentação pode passar, imperceptivelmente, ao estágio nojento: o Camembert pode virar, por assim dizer dialecticamente, ovo podre, e o comunismo pode virar fascismo. Esta é a razão por que as opiniões quanto ao significado da fermentação europeia divergem.

Os defensores da força juvenil, os admiradores da pureza, da simplicidade e do vigor, tendem a igualar toda fermentação com putrefação, com doença. Constatam pois que a Europa atual é "superada", já que evidencia sintomas insofismáveis de decomposição política, moral e intelectual. Os que crêm que toda criatividade é produto do fermento da dúvida constataam, pelo contrário, que a maioria dos impulsos para o des



envolvimento científico, artístico, filosófico e político continua a emanar da efervescência europeia. Dois conceitos opostos da fermentação, do outono. O trágico nisto é que os dois juizes podem ser simultaneamente corretos. Isto porque fermentação criativa pode efetivamente ser sintoma do fim: a coloração da folhagem outonal anuncia efetivamente a brancura do lençol do inverno.

Não posso negar, no entanto, que minhas simpatias não estão do lado dos defensores do vigor e da juventude. Do lado dos vários puristas islâmicos, guardas vermelhos chineses, e demais lutadores contra a podridão que emana da decadente Europa. Darei duas razões, (entre várias), da minha desconfiança nas atitudes dos defensores dos valores puros. Os que lutam em prol da integridade viril contra a corrupção são geralmente anciões corruptos: veja-se Mussolini que defendia leões contra ovelhas, e em geral povos jovens contra as democracias decadentes. Quer-me parecer que corrupção é quase sinonimo de espírito, (esse sobre que corrompe a matéria), e que quem luta contra a corrupção nega a liberdade. A segunda razão da minha desconfiança é que desconfio de tudo que se diz ser jovem, novo e sadio. Não sei definir tais termos, (embora saiba que "saúde" e "salvação" são conceitos aparentados). Mas estou convencido que quem se proclama potente, viril e macho não me parece ser extremamente masculino. De modo que tendo a acreditar que a Europa podre da atualidade não é mais velha, senil e doente que as forças poderosas que a estão ameaçando, e que se proclamam salvadoras.

No entanto concordo que tais forças menos complicadas, e sobretudo mais famintas, acabarão provavelmente com a Europa num futuro previsível. Afinal: é normal esperar-se que o outono será seguido de inverno. Inclusive concordo que tais forças têm "razão", (no sentido de obedecerem a uma logica interna, e no sentido de serem justificadas). O que pretendo dizer é apenas que não creio que se justifiquem esperanças que se fundamentam sobre o ocaso da Europa: não creio que isto salvará a humanidade da podridão, apenas substituirá o Camembert por ovo podre. Basta olhar em seu redor para constatá-lo.

Os artigos que se seguirão a este procurarão enfocar, nos seus vários detalhes culturais, artísticos e filosóficos, a folhagem multicolor da paisagem europeia. Antes que tais folhas caiam e se transformem em humus a servir de chão para outra flora em uma primavera ainda inteiramente imprevisível.